



ARMAND M. NICHOLI, JR.

DEUS EM QUESTÃO

C.S. LEWIS E FREUD

DEBATEM DEUS, AMOR, SEXO
E O SENTIDO DA VIDA



Apresentações

O autor – Armand M. Nicholi Jr., 77 anos, psiquiatra e professor de Harvard.

Professor por 35 anos da disciplina *Sigmund Freud e C. S. Lewis: duas visões de mundo contrastantes*



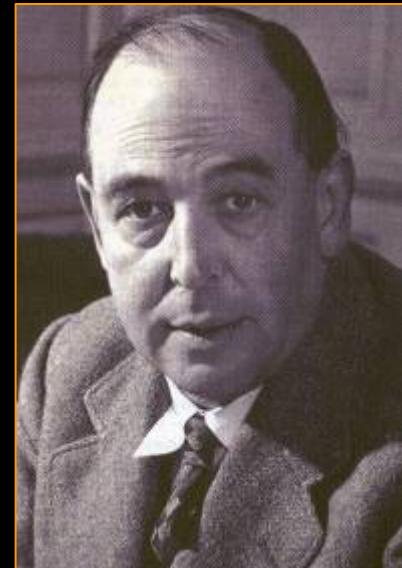
Apresentações

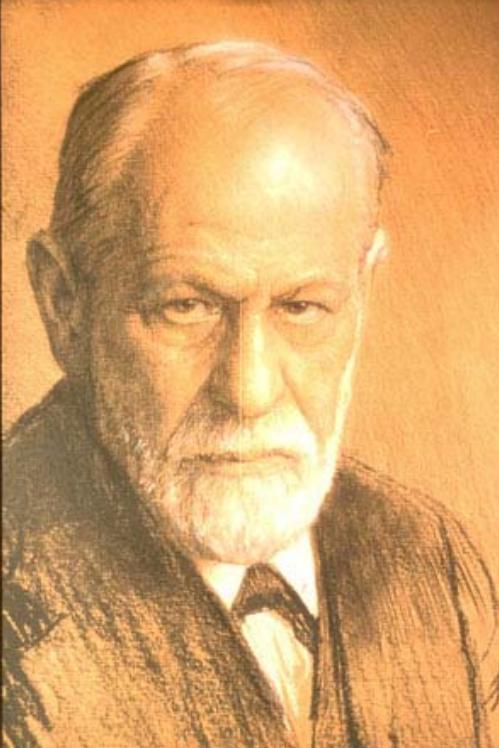
A tradutora – Gabriele Greggersen, doutora em Filosofia da Educação pela USP, especialista em C. S. Lewis, professora e coordenadora do ensino à distância da Faculdade Teológica Sul-Americana, em Londrina, PR.



Apresentações

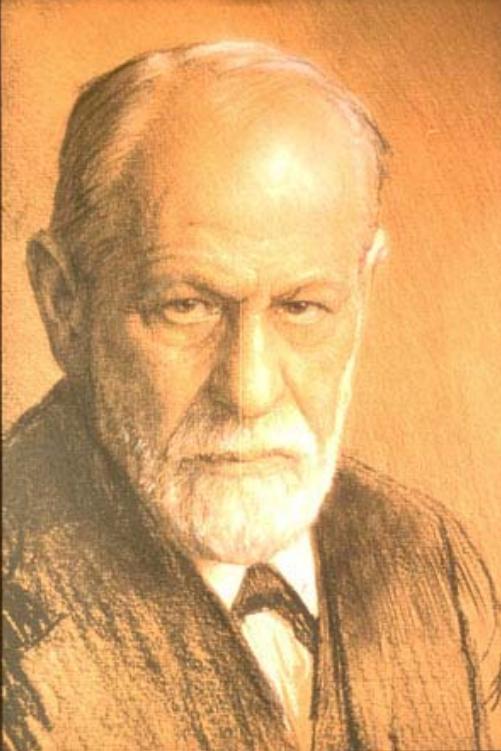
Os personagens –
Sigmund Freud e Clive Staples Lewis





Freud

Austríaco, de família judaica, nascido na metade do século 19 (1856), neuropatologista, fundador da psicanálise, um dos pensadores que mais influenciaram o mundo moderno (“Freud estava para o comportamento assim como Marx, para a economia, e Darwin, para a biologia”).

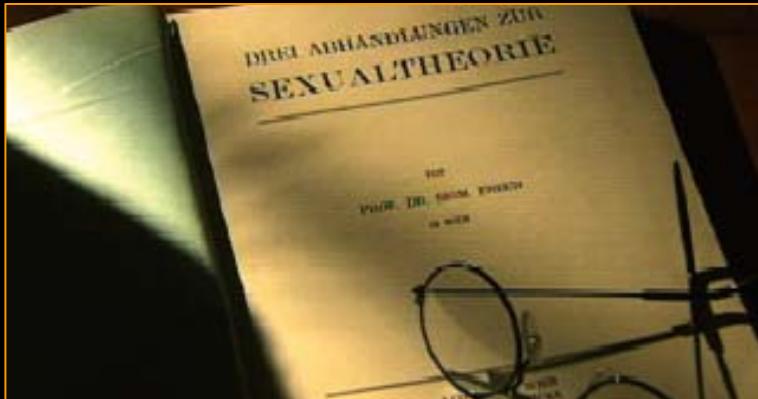


Freud

Devem-se a ele os termos *ato falho, complexo, ego, id, inibição, neurose, projeção, psicose, psicanálise, repressão, superego, transferência* etc. Freud “trouxe a psiquiatria dos manicômios para a sociedade culta e transferiu a prática da psiquiatria do manicômio para o consultório” (Dan Blazer).

Freud

Autor de vários livros (*O Mal-estar da Civilização, Totem e Tabu, Moisés e o Monoteísmo, O Futuro de uma Ilusão, Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* etc.)



Freud

Trabalhou em Viena a vida inteira, exceto no último ano de vida, quando se mudou para Londres, por causa do nazismo (junho de 1938). Portador de um câncer no palato dos 67 aos 83 anos (1923-1939), quando morreu.



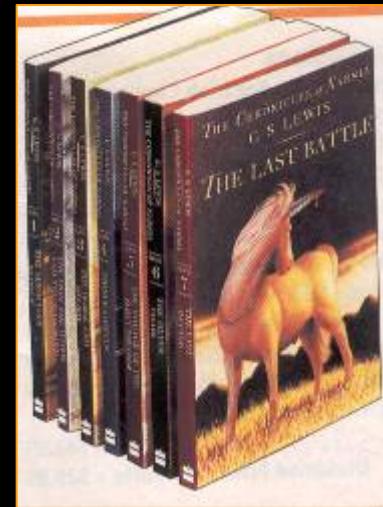
C. S. Lewis

Irlandês, de família protestante, nascido no final do século 19 (1898), crítico literário e professor de literatura inglesa em Oxford e de literatura medieval e renascentista de Cambridge, reconhecido como “o mais popular defensor da fé no século 20”.



C. S. Lewis

Autor de vários livros — *As Crônicas de Nárnia, Os Quatro Amores, Surpreendido pela Alegria, Cartas de um Diabo a seu Aprendiz, Cristianismo Puro e Simples, O Problema do Sofrimento, Milagres, O Regresso do Peregrino, Longe do Planeta Silencioso, Cartas a Malcom: Principalmente a Respeito da Oração* etc.

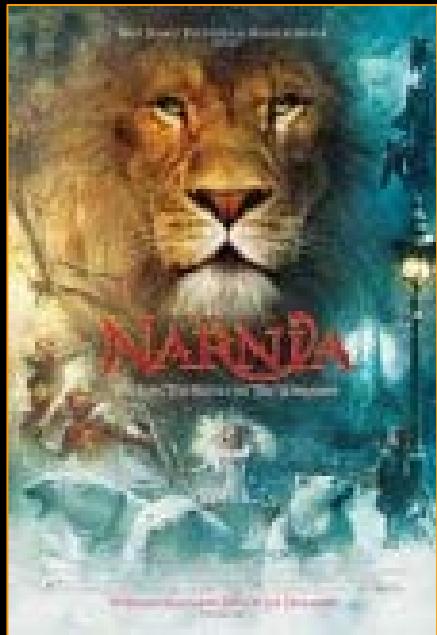


C. S. Lewis

Casou-se aos 58 anos com a escritora, novelista e crítica cinematográfica, Joy Davidman, judia americana que havia experimentado uma mudança do ateísmo para o cristianismo, por influência dos livros de Lewis. Ficou viúvo aos 62 anos, morreu três anos depois, três dias antes de completar 65 anos (1898-1963).

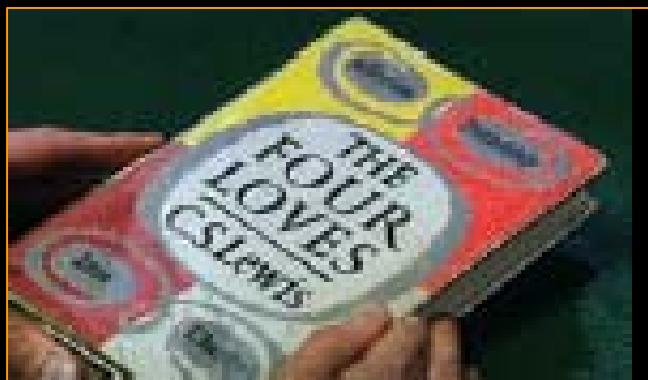


C. S. Lewis



Para expressar sua alegria em Cristo, Lewis optou pela literatura infanto-juvenil e escreveu os sete volumes de *As Crônicas de Nárnia* (entre 1950 e 1956). A primeira estória — *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* — será lançado em filme agora em dezembro em todo o mundo pela Walt Disney.

C. S. Lewis



Em *Os Quatro Amores* (1958), Lewis divide o amor humano em quatro categorias: afeição entre os membros de uma família (*storge*), amizade (*philia*), o amor romântico entre pessoas apaixonadas (*eros*) e o amor que se tem a Deus e ao próximo (*ágape*).

As muitas semelhanças entre Freud e Lewis



Ambos tiveram uma vida muito sofrida: morte de entes queridos, crises de depressão, doenças graves e problemas com a guerra.

Ambos nasceram de famílias muito religiosas e foram educados no temor de Deus.

As muitas semelhanças entre Freud e Lewis



Ambos renegaram a herança religiosa e tornaram-se ateus convictos.

Ambos eram pensadores, filósofos e escritores de larga influência em todo o mundo. (Há 400 mil sites dedicados a Lewis.)

As muitas semelhanças entre Freud e Lewis

Ambos mantiveram intensa correspondência com seus fãs e amigos.

Ambos morreram na Inglaterra e foram sepultados a noroeste de Londres.

A enorme diferença entre Freud e Lewis

Os escritos de *Freud* (que nunca abandonou sua posição anti-religiosa) levaram e têm levado muitos ao ateísmo.

Os escritos de *Lewis* (que abriu mão de seu ateísmo em 1929) levaram e têm levado muitos à fé cristã.

O ateísmo de Freud

Ele se dizia um “médico sem Deus”, um “materialista”, um “ateu”, um “descrente”, um “infiel”.

“Jamais em minha vida particular ou nos meus escritos eu escondi o fato de que sou um descrente de ‘cabo a rabo’”.

“Não pretendo me entregar”.

“Não tenho temor nenhum do Todo-poderoso. Se nós viermos a nos encontrar um dia, provavelmente terei mais queixas contra Ele, do que Ele poderia ter contra mim”.

Freud resistiu às oportunidades para deixar de ser ateu

À ama-seca “feia e bastante velha”, católica, que lhe falava de Deus e o levava à missa.

Às aulas do filósofo alemão Franz Brentano (1838-1917) sobre a existência de Deus, na Universidade de Viena, em 1874 (aos 18 anos).

Freud resistiu às oportunidades para deixar de ser ateu



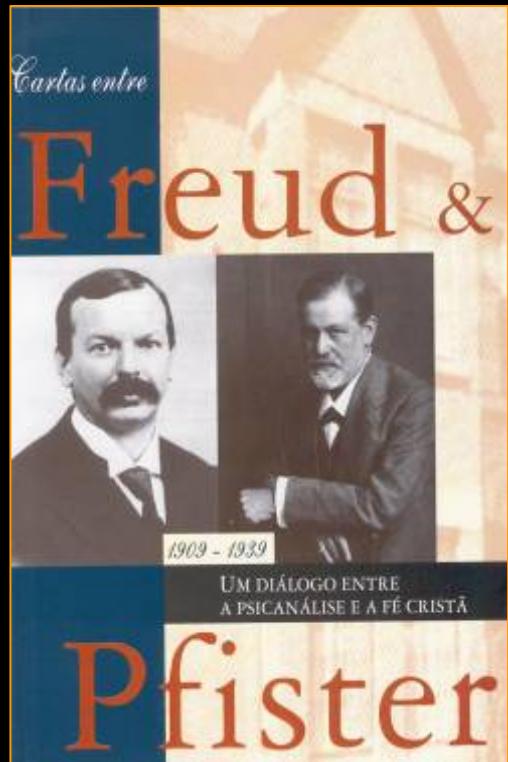
À comovente dedicatória da velha Bíblia oferecida pelo pai em 1891: “Você enxergou neste livro a visão do Todo-Poderoso, você ouviu de boa vontade, você praticou e tentou voar alto nas asas do Espírito Santo. Desde então eu preservei a mesma Bíblia. Agora, no seu trigésimo quinto aniversário, eu tirei o pó dela e a estou enviando a você, como prova de amor do seu velho pai”.

Freud resistiu às oportunidades para deixar de ser ateu

À leitura de livros como a Bíblia, *A Imitação de Cristo* (do teólogo alemão Tomás de Kempis), *O Paraíso Perdido* (de John Milton), *O Peregrino* (de John Bunyan), o poema *Lázaro* (do alemão Heinrich Heine).



Freud resistiu às oportunidades para deixar de ser ateu



Aos 30 anos de correspondência com o seu mais chegado e perseverante aluno e amigo, o pastor suíço Oskar Pfister (1873-1956), 17 anos mais novo.

Freud resistiu às oportunidades para deixar de ser ateu

Ao encontro com o ex-atéu e famoso filósofo e psicólogo americano William James (1842-1910), professor de Harvard, erudito quanto à existência e à natureza de Deus, em sua única viagem aos EUA, em 1909.



É difícil entender como Freud se tornou símbolo da liberdade sexual



O jovem neuropatologista se apaixonou por Martha Bernays em abril de 1882 (aos 26) e só se casou em setembro de 1886 (aos 30), 4 meses depois de abrir a sua clínica em Viena. Neste período de 4 anos escreveu mais de 900 cartas para a noiva (quase uma por dia).

É difícil entender como Freud se tornou símbolo da liberdade sexual

O casal teve 6 filhos em 8 anos. Para não aumentar a prole, Freud (aos 38) e Martha passaram a viver em abstinência sexual.

O casal teve de enfrentar 4 anos de separação quando Martha foi obrigada a ficar ao lado da mãe em Hamburgo. Nesse tempo, eles só se viram umas dez vezes, mas trocaram centenas de cartas.

É difícil entender como Freud se tornou símbolo da liberdade sexual

A maioria dos biógrafos concorda que Freud não teve experiências sexuais antes de conhecer Martha nem durante o longo noivado. Depois de casado, permaneceu fiel à esposa o tempo todo.



É difícil entender como Freud se tornou símbolo da liberdade sexual

Freud ensinava que as obrigações morais com relação à sexualidade devem ser aprendidas “no período de confirmação religiosa” e que uma comunidade está perfeitamente justificada, psicologicamente, a proibir o comportamento sexual das crianças, “pois não haverá perspectiva de refrear os apetites sexuais dos adultos, se a base para tanto não tiver sido preparada na infância”.

Tentando explicar o ateísmo de Freud

O caso do boné de pele.

A influência dos dois Ludwig alemães: o filósofo Ludwig Feuerbach (1804-1872) dizia que Deus é uma criação da espécie humana e não um ser auto-existente e eterno e o médico Ludwig Büchner (1824-1899) dizia que Deus é supérfluo.

A pergunta feita a Pfister aos 62 anos: “Por que nenhum de todos estes devotos criou a psicanálise? Por que foi necessário esperar por um judeu completamente ateu?”

Tentando explicar o ateísmo de Lewis

O sofrimento: a morte da mãe, o destempero emocional do pai, o professor que dava chibatadas nos alunos (e que era também clérigo anglicano), a guerra de 1914 e a morte de seu amigo Edward.

A “mãe substituta” que acreditava em Deus, mas “vivia zanzando de um culto para outro”.

O desejo de livrar-se da interferência de alguém em particular, a interferência de Deus, o “Intruso Transcendental”.

Tentando explicar o ateísmo de Lewis

A influência do professor Kirkpatrick, que não impunha o seu ateísmo aos alunos, mas forneceu a Lewis munição suficiente para ele defender sua postura contrária à religião.

A influência da universidade, “onde estudantes e professores escrutinam cada aspecto possível do universo — desde os bilhões de galáxias, até partículas subatômicas —, mas evitam rigorosamente examinar as suas próprias vidas”.

Tentando explicar o ateísmo de Lewis

A influência poderosa da “nova psicologia” de Freud, que “estava nos penetrando a todos, embora não a engolíssemos por completo”. Lewis aprendeu com o médico de Viena que a fé em Deus não passa de projeção de fortes desejos e necessidades internas e que a idéia de um “super-homem idealizado dos céus” é algo infantil e “o mundo não é uma creche”.

Uma vez ateu, sempre ateu?

No caso de Freud, sim; no caso de Lewis, não.

O pai da psicanálise morreu ateu aos 83 anos, e o autor dos sete volumes de *As Crônicas de Nárnia* renunciou ao ateísmo na metade de sua vida, aos 31.

Em abril de 1929, no domingo da Páscoa, Lewis admitiu que Deus era Deus e então dobrou os seus joelhos diante dele e orou. Ele mesmo conta:

“Naquela noite, quem sabe, eu era o mais deprimido e relutante convertido de toda a Inglaterra”. No mês seguinte, Freud escrevia a seu amigo Pfister: “A vida não é fácil em si e seu valor é duvidoso”.

Uma vez ateu, sempre ateu?

Como se chama a experiência pela qual passou Lewis? Embora significativas e esclarecedoras, as palavras “alteração”, “transição” e “mudança” são muito pobres. Para explicar tão grande, tão profunda, tão definitiva e tão misteriosa transformação, Lewis prefere usar as palavras “conversão” e “novo nascimento” (Jo 3.3; 2 Co 5.17). Em novembro de 1898, Lewis nasceu da mãe, e em abril de 1929, nasceu de novo, nasceu do Espírito.

Deus antes e depois da metanóia

Do ateísmo, Lewis passou para o teísmo (1929) e do teísmo, para o cristianismo (1931).

No *ateísmo*, não acreditava em nenhum Deus.

No *teísmo*, passou a acreditar num Ser Sobrenatural, numa Inteligência Superior, numa Autoridade Última, num Governador do Universo.

No *cristianismo*, Lewis pulou para um Deus pessoal, que ama, que chega perto, que dá significado à vida, que enche o vazio da alma.

Jesus antes e depois da metanóia

Antes da Semana Santa de 1929, Lewis dizia que, assim como Hércules ou Odín foram considerados deuses depois da sua morte, o profeta Yeshua (Jesus) foi considerado Deus depois de ter sido crucificado e sepultado. Jesus era mais um mito entre outros tantos.



Jesus antes e depois da metanóia

Depois, Jesus deixou de ser para Lewis simplesmente filho de Maria e José; o contestador da hipocrisia religiosa; o mártir; o morto que nunca se levantou da tumba. Desde então, Jesus é o Deus invisível que se tornou visível, sua morte é vicária, sua ressurreição aconteceu de fato, seu ensino e suas promessas são totalmente confiáveis e sua volta em poder e muita glória é absolutamente certa.

O sentido da vida antes e depois da metanóia

A “alteração” de Lewis não ficou apenas no terreno da contemplação e da teologia.

Antes de 1929, Lewis era crítico, orgulhoso, cínico, cruel e arrogante. Depois, vivia e ensinava a prática do amor-afeição.

Entre Jesus, que ensina a amar o próximo *como a si mesmo*, e Freud, que ensinava a amar o próximo *como o próximo ama*, Lewis preferiu ficar com o ensino cristão. Para ele, se tivermos dificuldade de amar uma pessoa, é preciso começar a *desgostar menos* e a *gostar um pouco mais* dela.

O sentido da vida antes e depois da metanóia

Antes da metanóia, Lewis semeava o nada, a descrença, a rebeldia contra o “Interventor Transcendental”.

Depois, tornou-se um destemido e bem-sucedido arauto da fé, principalmente no meio acadêmico e literário, por meio de seus programas radiofônicos pela BBC de Londres, de suas conferências, de suas aulas, de seus livros, de sua vasta correspondência (fala-se em milhares de cartas).

O psiquiatra Armand Nicholi Jr. conclui o seu livro *Deus em Questão* com a seguinte colocação: “Freud e Lewis representam as partes conflitantes dentro de nós mesmos. Uma parte levanta a voz de desafio à autoridade, dizendo como Freud: ‘Não me renderei jamais’. A outra, como Lewis, reconhece dentro de si um alento profundamente assentado por restabelecer um relacionamento com o Criador” (p. 255).

Ver para crer ou crer
para ver?



Eu vejo e creio

Dia após dia, noite após noite
Sem som, sem voz, sem ruído
No mais absoluto silêncio
Os céus declaram a glória de Deus
E o firmamento proclama
As obras das suas mãos



Eu vejo e creio

Então, eu ouço a sua voz
E escuto as suas palavras
Em todos os cantos da terra
E em todo o espaço sideral
Sem abrir os meus ouvidos
E sem fechar os meus olhos!

(Paráfrase de Sl 19.1-4.)



Vivo diariamente boquiaberto

O Sol é como um noivo
Que sai de seu aposento
E se lança em sua carreira
Com a alegria de um herói

É uma bola de fogo
Que sai toda molhada
Do outro lado do Atlântico
Se eu estiver no Rio de Janeiro



Vivo diariamente boquiaberto

É uma bola de fogo
Que sai toda suada
Do outro lado dos Andes
Se eu estiver em Valparaíso

Do mar, o Sol vai para os montes
Dos montes, o Sol vai para o mar
Ele sai de uma extremidade
E vai para a outra extremidade



Vivo diariamente boquiaberto

Na manhã do dia seguinte
O Sol sai outra vez de seu aposento
E percorre outra vez a distância toda
E eu fico outra vez boquiaberto!

Confissões de fé

Olho para toda a criação e sou levado por ela ao Senhor.

Crisóstomo, arcebispo de Constantinopla, um dos mais famosos oradores sacros, morto em 407, aos 60 anos

Se o homem não foi criado para Deus, por que ele só é feliz em Deus? E se o homem foi criado por Deus, por que ele é tão contrário a Deus?

Blaise Pascal, notável matemático e filósofo francês, depois de sua conversão em 1657, aos 31 anos, e oito anos antes de morrer

Confissões de fé

Se Deus não existisse, seria necessário inventá-lo... Toda a natureza está gritando que ele existe.

Françoise-Marie Arouet (Voltaire), filósofo francês do século 18, apesar de suas profundas reservas religiosas e de seu ódio ao fanatismo religioso

Confissões de fé

Negar a existência de Deus é negar que existimos.

Maurice Maeterlinck, teatrólogo e filósofo belga,
Nobel de Literatura aos 49 anos

Quando penso no meu Deus, meu coração fica tão cheio de alegria que as notas dançam e saltam de minha pena.

Joseph Haydn, compositor austríaco que viveu no século 18 e compôs mais de 100 sinfonias, mais de 80 quartetos de corda e o famoso oratório *A Criação*

Heinrich Heine

Voltei a Deus como filho pródigo, depois de cuidar por muito tempo dos porcos com os hegelianos [discípulos do filósofo alemão George Hegel]. A saudade celestial tomou conta de mim. Na teologia, devo culpar-me de retrocesso, por ter voltado a um Deus pessoal.

Heinrich Heine, um dos escritores mais populares da literatura alemã, 27 anos mais novo que Hegel e entrevado nos oito últimos anos de vida

Fiódor Dostoiévski

[O ateísmo, a maior tragédia existente no mundo] nada mais é do que a aposta na decomposição do homem vivo.



Ateísmo dogmático e ateísmo prático

No ateísmo dogmático nega-se a existência de Deus.

No ateísmo prático, os “crentes” confessam que Deus existe, mas acreditam que devem viver como se Ele não existisse.

O segundo tem mais adeptos do que o primeiro.
Qual é o mais grave?

Uma queixa amarga

“O meu povo cometeu dois crimes: eles me abandonaram, a mim, a fonte de água viva; e cavaram as suas próprias cisternas, cisternas rachadas que não retêm água”

(Jr 2.13).